

---

# ARTIGOS

---

*Persp. Teol. 20 (1988) 151-175*

## A PERGUNTA POR DEUS NA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO\*

*Vítor Galdino Feller*

O povo da América Latina tem sempre diante de si o Senhor da história, com quem procura acertar os passos nos caminhos difíceis de sua existência. Deus é alguém no meio do povo, como o foi nos cinco séculos de sua história. O passado histórico, a constituição cultural e as formas comunitárias de viver a religiosidade têm ajudado a manter no coração da maioria dos latino-americanos a abertura de cada homem para o Absoluto. Disso dão testemunho os cânticos entusiastas que vivificam os encontros, as romarias, as manifestações do povo de Deus, seja no seu nível "ad intra", quando se reúne, em sua intimidade, para o louvor de Deus e o fortalecimento da fé, nas celebrações dos sacramentos e na evangelização permanente, seja no seu nível "ad extra", na participação dos movimentos populares que reivindicam a prática dos direitos mais elementares da vida.

Mesmo diante do fenômeno da secularização, sobretudo de suas solicitações secularistas e atéias, e da persistência da injustiça social com suas propostas idólatras, há uma firmeza permanente na fé no Deus da vida. Mas, até quando? Se, de um lado, a Igreja deve agradecer a Deus porque continua a alimentar a fé e a esperança do povo, apesar das facilidades abertas para a sua negação, deve também, de outro, questionar-se sobre seus métodos de evangelização e, sobretudo, sobre seu discurso a respeito de Deus. De qual Deus se fala hoje na pregação da Igreja na América Latina? Qual o discurso de Deus mais eficaz para a evangelização que se quer libertadora? A estas perguntas, tentaremos aqui responder por um questionamento que julgamos deveras importante. Pelo seu alcance a nível de comunicação de massas, pela sua atualização e encarna-

---

\* Resumo do cap. I da tese doutoral do A.: *O Deus da Revelação*. A dialética entre revelação e libertação na teologia latino-americana, da "Evangelii Nuntiandi" à "Libertatis Conscientia", defendida na Pontifícia Universidade Gregoriana, de Roma. Aparecerá em breve pelas Ed. Loyola (São Paulo) na coleção "Fé e realidade". (NDR)

---

ção, enquanto movimento eclesial e social, e pela sua força de persuasão, a Teologia da Libertação (= TdL) vem se tornando a caldeira onde se formam os novos conceitos que irão expressar a doutrina cristã do futuro da Igreja em nosso continente. Perguntamos, por isso, qual discurso sobre Deus é feito na TdL?

É sabido que somente nos últimos anos começou a surgir, explicitamente, uma teologia na TdL. A preocupação fundamental da TdL tem sido, até há pouco, sua própria metodologia, seus pressupostos hermenêuticos, seus lugares epistemológicos, a afirmação de sua continuidade e descontinuidade com a teologia tradicional, a defesa de sua ortodoxia diante das acusações contrárias a seus enlances com o sócio-político. Por situar-se no período da onda antropológica da teologia atual e na onda dos movimentos de libertação da América Latina, a TdL tratou, por exemplo, de Cristo e da Igreja, sempre sob a ótica do oprimido. Tratava, assim, de temas centrais da teologia, mas com o receio de quem diz coisas novas, a partir do que era julgado ser a periferia teológica: a incidência do Evangelho na libertação do homem. Seu objetivo era a explicitação do seu método. Mesmo afirmando ser a libertação o núcleo de todo o cristianismo, a TdL não conseguia desvendar, para si mesma e para fora, onde estava realmente o conteúdo teológico libertador do seu anúncio. Ou, por outra, não conseguiu explicitar qual a relação que há entre a revelação de Deus e a libertação do homem, qual o lugar do tratado de Deus no novo movimento teológico. Ultimamente, depois de quase vinte anos de história, justamente porque passou da preocupação acentuada pelo método — justificada sem dúvida no primeiro tempo —, para a explicitação do conteúdo, a TdL começa a afrontar, sob o prisma do seu método, o tratado sobre Deus<sup>1</sup>. Ela toca, assim, o centro de si mesma e deve, agora mostrar qual a nova imagem de Deus que vai conduzir a caminhada da libertação do homem.

Como o povo de Deus que não pergunta tanto sobre a existência de Deus quanto sobre o lugar em que ele se encontra, de que lado está no conflito da história, a TdL pergunta sobre a parcialidade de Deus em favor dos pobres, e o descobre como Deus da libertação e da vida, como o Deus no Reino anunciado por Jesus. Como o povo cristão da América Latina que intui a presença de Deus por detrás de todo sofrimento, a TdL pergunta pela relação entre o clamor do povo e a revela-

---

<sup>1</sup> Cf. L. BOFF, *A Trindade, a sociedade e a libertação*, Petrópolis 1986; R. MUÑOZ, *O Deus dos cristãos*, Petrópolis 1986; G. GUTIÉRREZ, "El Dios de la vida" em *Christus* 556 (1982) 28-57; J. SOBRINO, "A experiência de Deus na Igreja dos pobres" em *Ressurreição da verdadeira Igreja*, São Paulo 1982, 135-166.

ção de Deus, e descobre que esse clamor não é nem revolta, nem resignação, mas o melhor meio de diálogo entre o pobre e Deus, e, portanto, a expressão maior de anseio de libertação. Quando Deus ouve esse clamor (Ex 3,7), Deus se revela libertador (Ex 3,8) e fundamenta, na sua revelação, o processo da libertação do homem.

Alguns estudos sobre o discurso de Deus na TdL já foram iniciados por J.A. Ruiz de Gopegui, A. García Rubio e V. Araya<sup>2</sup>. O primeiro deles se debruça mais sobre a prática evangelizadora do continente latino-americano, do que sobre a TdL então ainda no início de sua produção, diante da qual, contudo, entrevê e analisa as perspectivas para um novo modo de conhecer e sobretudo de anunciar, no labor catequético-pastoral, o Deus verdadeiro. Hoje, após dez anos, temos condições de averiguar a abertura de horizontes das perspectivas aí preanunciadas e a asserção final: "O conhecimento de Deus só pode crescer na medida em que cresce a práxis do amor cristão e caminha na história o processo divino da libertação ou salvação da história. A libertação da história só pode progredir com o crescimento do conhecimento de Deus"<sup>3</sup>. Também a percepção de A. García Rubio sobre a função desideologizadora da TdL precisa ser atualizada. Hoje se pode afirmar, com mais fundamento, que o problema da América Latina não está no fato de que alguns neguem a Deus, mas no conflito que se gera entre aquela maioria que busca o Deus verdadeiro e a minoria que adora os deuses da morte. O estudo de V. Araya trata mais concretamente do discurso libertador sobre Deus. Mas tem como limite escolhido a obra de somente dois autores: G. Gutiérrez e J. Sobrino. Um enriquecimento dessa visão é sem dúvida necessário, a partir do estudo dos autores brasileiros, da teologia da revelação de C. Mesters, dos pressupostos metodológicos Cl. Boff, da cristologia e da teologia da Trindade de L. Boff, dos estudos sobre o Espírito Santo de H. C. de Lima Vaz e de J. Comblin, da teologia do discernimento dentro e a partir de um mundo de conflitos de J. B. Libânio, e da teologia da liberdade libertada de M. de França Miranda.

Trata-se, pois, de enriquecer a elaboração libertadora do tratado de Deus, recolhendo as reflexões já feitas, esparsas, implícitas, mais ou menos profundas, sobre Deus, que se foram fazendo nestes anos, e dis-

<sup>2</sup> Cf. J.A. RUIZ DE GOPEGUI, *Conhecimento de Deus e evangelização*. Estudo teológico-pastoral em face da prática evangelizadora na América Latina, São Paulo 1977; A. GARCÍA RUBIO, *Teologia da Libertação: Política ou profetismo?* São Paulo 1977; V. ARAYA, *El Dios de los pobres en la teología de la liberación*, San José (Costa Rica) 1983.

<sup>3</sup> J.A. RUIZ DE GOPEGUI, *op. cit.*, 203.

---

cutindo-as à luz dos mais recentes documentos do Magistério referentes à TdL.

No presente artigo se tratará somente do método de abordagem da revelação, em vista a novos caminhos para um discurso verdadeiramente libertador sobre Deus. Estuda-se pois, a teologia libertadora da revelação<sup>4</sup>.

## 1. A LIBERTAÇÃO, CAMINHO PARA DEUS

O estudo demorado e aprofundado do seu método, a partir do que se julgava ser a periferia da teologia (o diálogo com as ciências sociais, com as conseqüentes dialéticas entre teoria e práxis, revelação e realidade, fé e ideologias, etc.) trazida agora para o centro do discurso teológico, tem permitido à TdL a possibilidade de falar de Deus dentro e através do processo de libertação do homem. Aqui se entra na compreensão da noção que esta teologia carrega no termo "revelação". Pergunta-se: que tipo de teologia da revelação está na base da TdL? que caminhos se percorre para fazer da revelação de Deus o elemento fundante da TdL? que mediações esta teologia usa para o acesso à revelação de Deus? que características a marcam a partir de uma abordagem da revelação desde o lugar do pobre?

Inserindo-se no movimento bíblico que anima as paróquias, CEBs e grupos de reflexão (Puebla 905), a teologia da libertação procura responder aos apelos de Puebla, em favor de uma catequese mais bíblica (Puebla 150) e de um interpretação da Sagrada Escritura que, além da luz da Tradição e do Magistério (Dei Verbum 7-10), leve em conta a luz do "contexto de vida" (Puebla 1001). Como esse contexto se marca por uma situação de opressão que conclama à luta pela libertação, nada mais lógico, tanto a nível formal quanto prático, do que fazer do processo da libertação do homem um método teológico de abordagem da revelação e do encontro com Deus.

Na tentativa de articular o discurso dos pobres sobre sua libertação e, nela, o discurso dos mesmos sobre Deus, a TdL se coloca no lugar deles e se põe a seu serviço. Trata-se aqui de uma opção de fé, de uma opção pastoral, ética e política<sup>5</sup>, que se torna a chave interpretadora da revelação, a chave que liga o motor da Palavra de Deus e põe em circula-

---

<sup>4</sup> Para uma visão mais completa, cf. V. G. FELLER, *O Deus da Revelação*. A dialética entre revelação e libertação na teologia latino-americana, da "Evangeli Nuntiandi" à "Libertatis Conscientia", São Paulo 1988, cap. I (no prelo). Nesta obra, antes de se tratar do Deus da revelação na TdL (tema dos cap. II e IV), estuda-se a teologia libertadora da revelação.

ção a hermenêutica libertadora. Esta circulação se caracteriza, por sua vez, como um movimento que parte dos pobres (o que exige a mediação sócio-analítica para se poder ver, o mais desideologizadamente possível, a realidade), caminha com os pobres (o que exige a mediação bíblico-teológica para se poder julgar, na ótica de Deus essa realidade) e se dirige para os pobres (o que exige a mediação prático-pastoral para se poder compreender e transformar a realidade, agindo nela ou mesmo, se necessário, contra ela, em favor da construção do Reino de Deus). Como se vê não há, na TdL, um deixar-se atar por interesses ideológico-classistas que possam manifestar-se na manipulação do clamor dos oprimidos. Ela respeita as exigências da parte do outro interlocutor da revelação, Deus mesmo, que, aliás, é quem inicia a reinicia sempre o diálogo salvífico-libertador, dando-lhe assim as regras do jogo, que se resumem, no final das contas, na dialética entre revelação de Deus e realidade (na América Latina, de opressão/libertação) do homem<sup>6</sup>. Tornam-se, deste modo, balizas da hermenêutica libertadora: primazia da aplicação sobre a explicação; busca e dinamização da energia transformadora dos textos bíblicos, que devem levar à conversão da pessoa e à transformação das estruturas; contextualização social e histórica da mensagem bíblica, em relação com o contexto político do continente; preferência, não exclusiva, pelos livros do Êxodo, dos profetas, dos Atos, do Apocalipse, precedidos todos, evidentemente, pelos Evangelhos<sup>7</sup>.

#### a. A opção pelos pobres na base das releituras bíblicas

Ao apresentar a Bíblia no que ela diz de si mesma e de sua interpretação (portanto, o que Deus mesmo diz e quer de sua Palavra), C.

<sup>5</sup> Cf. J. PIXLEY — Cl. BOFF, *Opção pelos pobres*, Petrópolis 1986, 213-229; J.B. LIBÂNIO, *Fé e Política*, São Paulo 1985, 159-171; J. MÍGUEZ BONINO, *A fé em busca de eficácia*, São Leopoldo 1987.

<sup>6</sup> Cf. C. MESTERS, *Por trás das palavras*, Petrópolis <sup>4</sup>1980, 89-218.

<sup>7</sup> A respeito do livro do Êxodo, as instruções "Libertatis Nuntius" (IV, 3) e "Libertatis Conscientia" (44) concordam em ver naquele acontecimento aí referido o elemento fundamental da formação do povo israelita, e na ação libertadora de Javé aí revelada o modelo e ponto da referência de outras libertações históricas. Cf. G. V. PIXLEY, *Êxodo*. São Paulo 1987; J. S. CROATTO, *Êxodo*. Uma hermenêutica da liberdade, São Paulo 1981. A respeito do uso dos evangelhos, ver, por exemplo, C. BRAVO GALLARDO, *Jesús, hombre en conflicto*. El relato de Marcos en América Latina, Santander 1986, que estuda aquele evangelho como um relato escrito a partir do reverso da história, como história de uma prática violentamente truncada de Jesus e como convocação ao prosseguimento desta prática.

---

Mesters constata que são as releituras, que fazem parte do próprio fazer-se da Bíblia, o melhor modo para interpretar a Palavra de Deus<sup>8</sup>. Constata também que entre as releituras internas à Escritura e a releitura libertadora da revelação existe uma correlação: ambas usam o mesmo método, o que faz circular fé e vida, Palavra de Deus e realidade do homem, e que abre, por isso, caminhos novos para a pastoral na América Latina, enquanto permite fazer do Evangelho o anúncio alegre da preferência de Deus pelo pobre e sua libertação (Lc 4, 18). No uso deste método, verificado na vivificação da fé nas CEBs se descobre que na própria Sagrada Escritura a opção pelos pobres é usada como a chave que permite entrar sempre mais no conhecimento da vontade de Deus e que faz circular, num movimento fecundo, a fé em Deus e a vida cotidiana do povo.

Era a opção pelos pobres que marcava, a modo de pano de fundo irreflexo mas permanente, a releitura de cada presente bíblico, feita à luz de um passado de glória e sofrimento e em vista de um futuro de promessa e liberdade. Cada releitura adapta à sua realidade uma concepção sempre nova de Deus, mas mantém no seu discurso sobre ele o que dele mais se revela: a fidelidade de um Deus que está e estará sempre com o seu povo. Elas vão, assim, elaborando diversas formas de diálogo que asseguram a relação histórica e dialética entre Deus e o homem, entre o sentido do Deus sempre fiel e providente e o sentido do homem sempre pecador e dependente. É esta verificação do sentido de Deus e do sentido do homem das releituras bíblicas que dá o embasamento sobre o qual se pode definir como critério de leitura da Bíblia o presente com os seus problemas, os quais refletem ainda hoje as preocupações básicas que deram origem aos livros sagrados. Nesta ótica, os sinais da presença atual de Deus na história são detectados como força dinamizadora da fé e da esperança do povo na medida em que ajudam a interpretar a vida de hoje à luz dos textos antigos e, vice-versa, contextualizam a Palavra de Deus numa realidade viva. Os interesses que polarizam hoje a sensibilidade dos homens, que provocam as crises de fé, que catalizam as angústias e que centram as energias dos homens são o ponto de partida para compreender os interesses e lutas do povo bíblico e de sua experiência e certeza da presença de Deus na história. Concretamente, na situação latino-americana, isso significa que é preciso debruçar-se sobre os problemas de ordem política, econômica, fundiária, sanitária, educacional, etc., para deixar-se questionar pelas necessidades vitais do povo, análogas às do povo bíblico, para haurir da riqueza dos problemas a

---

<sup>8</sup> Cf. C. MESTERS, *op. cit.*, 91-159.

variedade das soluções. Variedade esta que vai se manifestar, justamente, na descoberta, contínua na sua descontinuidade, do sentido de Deus e do sentido do homem e, por trás, o sentido do diálogo de ambos, que encontra seu ápice de "mútua revelação" em Jesus Cristo<sup>9</sup>. Mas, como foi dito, é a partir do questionamento sobre as questões vitais do povo, que na América Latina é constituído, na sua esmagadora e esmagada maioria, de gente pobre, que surge a possibilidade dessa experiência de diálogo. Um diálogo de revelação que se constitui, da parte de Deus, como automanifestação de si mesmo no apelo à vida e à liberdade e, da parte do homem, como abertura continuada e sempre atualizada à presença de Deus em cada presente de sua história.

Resumindo todo o leque de critérios e pressupostos para a interpretação libertadora da revelação, C. Mesters enuncia: "A certeza da fé de que Deus está conosco em nossa caminhada é anterior à Bíblia e a suscitou. Deve (hoje) ser anterior à explicação da Bíblia e deve suscitá-la"<sup>10</sup>. A isso, acrescentar-se-ia: a opção pelos pobres está na base das releituras bíblicas. A experiência da pobreza e da solidariedade com os pobres que é a marca concreta, anterior ou posterior, à certeza da fé no Deus libertador é que cria a pré-compreensão e a pré-disposição necessárias a toda leitura da Bíblia. Nessa releitura, a TdL não renova. Desde Paulo, tanto os Padres como o Magistério e a teologia e o próprio povo usam a Bíblia de modo muito familiar, não tanto para orquestrar decisões já anteriormente tomadas no foro da consciência interna ou da coletividade eclesial e social, mas, sobretudo, como retorno àquela fonte que, ao contrário, teria já influenciado precedentemente tais decisões. A pré-compreensão e a pré-disposição com que a TdL vai à Bíblia, não são, portanto, derivação ideológica ou política de seu engajamento no social, mas são, a um tempo, efeito do encontro fecundo pré-reflexo entre revelação e realidade e fator de encontro entre a Palavra de Deus e a vida do homem, agora a um nível reflexo, que explicita dialeticamente o diálogo Deus-homem: Deus será tanto mais revelado como Deus (certamente não a nível da iniciativa de Deus, que já se revelou definitivamente em Jesus Cristo, mas a nível da captação do homem) quanto mais o homem for libertado como homem. A libertação do

<sup>9</sup> Cf. R. GONZÁLEZ, "Origen de la imagen cristiana de Dios", em CELAM, *Dios. Problemática de la no-creencia en América latina*, Bogotá 1974, 167-215; B. ANDRADE, *Encuentro con Dios en la historia*, Salamanca 1985, 13-26.

<sup>10</sup> C. MESTERS, *op. cit.*, 133.

---

homem, iniciada na libertação do pobre, é caminho e condição para o conhecimento de Deus que se revela como Deus, justamente porque é, anterior e gratuitamente, dom de Deus. Dom que se torna tarefa. Tarefa que viabiliza o dom. Eis o círculo da releitura bíblica da TdL.

#### **b. O círculo da releitura libertadora em movimento**

A captação desse círculo e o ingresso nele se faz hoje, em nosso continente, na opção pelos pobres que é, justamente, a chave que liga o motor da hermenêutica circular, a porta que dá entrada ao círculo dos discípulos, o assoalho que dá base e atrito (por isso, conflitivo) aos movimentos populares que fazem girar a roda viva dos oprimidos que vão se tornando libertados e libertadores.

Este círculo hermenêutico se desenvolve, como acima se anunciou, em três etapas, correspondentes às mediações da TdL. A mediação sócio-analítica possibilita captar a Palavra de Deus na palavra dos pobres. A leitura da Bíblia na ótica da opção pelos pobres faz perceber a distinção evangélica entre a letra que mata e o espírito que vivifica. "Neste continente, o grande continente católico da atualidade, se lê o Evangelho de um maneira que mata não somente o cristão que o lê, mas também a pessoas reais que morrem porque outros têm interpretado o Evangelho de uma determinada maneira"<sup>11</sup>. É a opção pelos pobres que impedirá que a letra do Evangelho continue a matar. Quem vai ao Evangelho com a pré-compreensão e a pré-disposição da opção pelos pobres parte já de uma atitude de adoração para com Deus e de uma disponibilidade para o serviço do seu Reino.

A mediação bíblico-teológica permite ver a Palavra de Deus em conexão com a palavra dos pobres. E isso é feito quando a teologia usa seus dois olhos, o da fé e suas fontes e o da realidade e seus desafios. A Palavra de Deus se concretiza e se faz ouvida na palavra-clamor dos pobres. A palavra-grito dos pobres se fortalece e é vocalizada na Palavra de Deus. Assim, é preciso ver qualquer situação histórica desde a sua chave correspondente na Palavra da revelação e focar o dado revelado a partir do homem e da história<sup>12</sup>. Será a componente política da religiosidade humana e cristã a encontrar a Palavra de Deus mais adequada para tal ou qual situação e, em correspondência, será a componente religiosa do agir político do cristão a entender que é esse aqui e agora

---

<sup>11</sup> J. L. SEGUNDO, "La opción por los pobres, clave hermenéutica para leer el Evangelio", em *Sal Terrae* 6 (1986) 473-482 (aqui: 474).

<sup>12</sup> Cf. I. ELLACURIA, *Conversión de la Iglesia al Reino de Dios*, Santander 1984, 27.

---

(como o "tu" de Deus) que vai esclarecer, enriquecer e atualizar a plenitude da revelação. O círculo hermenêutico se define então como "a contínua mudança de nossa interpretação da Bíblia em função das contínuas mudanças da nossa realidade presente, tanto individual quanto social", de modo que cada nova situação nos leve a "interpretar de novo a revelação de Deus, a mudar, com ela, a realidade, e daí, voltar a interpretar... e assim sucessivamente"<sup>13</sup>.

A direção pastoral da TdL a obriga a ver a Palavra de Deus dirigida à realidade atual como Palavra de Deus para os pobres, para animá-los em suas lutas por melhores condições de vida. A TdL destrava a força da Palavra divina quando distingue dois tipos de conhecimento teológico: um que procura esclarecer a realidade a partir do significado da fé e suas fontes e que, por isso, busca primeiramente mostrar a verdade da fé diante da razão natural e da razão histórica; outro que, após uma primeira aceitação da fé cristã e suas fontes, procura concretizá-la paralela e dialeticamente na existência real, de modo que o conhecimento teológico apareça inseparável de seu caráter prático e ético, perante a situação degradante de inúmeros pobres, buscando ser mais operante e transformativo do que significativo e interpretativo. Neste segundo tipo de conhecimento, que é o que caracteriza a TdL, esclarece-se o duplo obscurecimento da fé e da miséria. Num mesmo movimento, a Palavra de Deus se torna não tanto fonte de conhecimento prévio à análise da realidade e à práxis transformadora, mas sobretudo fonte que ilumina a realidade na mesma medida em que se deixa iluminar por ela e pela práxis que ela mesma vai provocando. Nesta dialética, a TdL, justamente para se preservar e afirmar como teologia, mas também para garantir a libertação de si mesma em favor da libertação maior dos oprimidos, reserva sempre a determinante ao dado da revelação. Quando se faz esse tipo de aproximação entre revelação e realidade recobra-se o sentido das experiências bíblicas, de modo a se poder afirmar, com J. Sobrino, que "conhecer a verdade é fazer a verdade, conhecer a Jesus é seguir a Jesus, conhecer a miséria é libertar o mundo da miséria, conhecer a Deus é ir a Deus na justiça"<sup>14</sup>.

### c. O binômio revelação-realidade

Interessada mais em ser libertadora do que em discursar sobre a libertação, a teologia da América Latina não pode deixar de perguntar-se sempre de novo sobre como libertar o seu presente, de modo aabri-

---

<sup>13</sup> J. L. SEGUNDO, *Libertação da Teologia*, São Paulo 1978, 10.

<sup>14</sup> J. SOBRINO, *op. cit.*, 47.

---

gar-se a mudar continuamente suas costumeiras noções de Deus e do homem, da vida e da morte, da pobreza e da riqueza, da fé e da política, da opressão e da própria libertação e, conseqüentemente, a fazer realmente da libertação do homem um caminho para o conhecimento de Deus. Ela sabe que a revelação de Deus é iniciativa única e gratuita dele e que esta revelação é a fonte normativa de sua reflexão e ação. Mas não pode e não pretende partir diretamente dela. Ela sabe que só pode partir da realidade do segundo interlocutor do diálogo revelador, o homem. Ela não se arroga à pretensão de fazer teologia como Deus mesmo a faz, como conhecimento pleno de seu mistério. Mas, deixando a Deus ser Deus, para que seja sempre o mistério original e fecundante da vida do homem, a TdL parte do homem ou, mais radicalmente, do não-homem. E a primeira realidade que enxerga é a urgência de libertar esse homem para o diálogo com Deus e os outros homens. Assim, se as fontes da revelação são determinantes e normativas na ordem da intenção, as fontes da realidade são determinantes na ordem do apelo à conversão e à práxis. Para evitar, portanto, os dois perigos, o do relativismo e, com ele, a perda da substância do Evangelho, e o literalismo e, com ele, a justificação ideológica da opressão, a TdL se constrói sobre uma dupla base ou fonte: a revelação e a realidade. É a vida pessoal e social do homem, o passado e o presente da história conflitiva, que vai possibilitar o conhecimento do princípio pedagógico da revelação, no qual Deus mesmo aparece diferente segundo as diferentes situações do povo. E como toda a revelação é uma só, e já que nem Jesus e nem Paulo tiveram a pretensão de corrigir a revelação do Antigo Testamento, não se pode negar que uma imagem de Deus, ainda que revelada no Antigo Testamento, possa servir para iluminar tal ou qual situação que hoje a nós se apresenta. Assim como não se pode rejeitar que esta determinada situação vá iluminar melhor tal imagem correspondente de Deus. Será sempre a fé, dom de Deus, a dediciar sobre qual vontade de Deus, ou melhor sobre qual linguagem humana que exprima a única vontade de Deus, deverá ser usada nesta ou naquela situação que vai mudando com o correr dos tempos. Assim, o que acontece hoje, na América Latina, é semelhante ao processo vivido pelo povo israelita na elaboração de sua teologia, isto é, "um dinamismo histórico ineliminável, que consiste na assimilação do passado à luz do presente, em uma reflexão de fé presente e condicionada por uma situação histórica concreta presente, que, ao mesmo tempo em que aceita e interpreta o passado, se projeta para o futuro que é sempre de novo promessa-libertação e aliança, e sempre de novo consagração de uma relação Javé-povo"<sup>15</sup>.

---

<sup>15</sup> B. ANDRADE, *op. cit.*, 41.

---

Essa circulação entre revelação e realidade, entre a Palavra de Deus e a palavra dos homens e, preferivelmente, palavra dos pobres, é mediada pela opção pelos pobres. Esse é o lugar em que a palavra do homem é mais humana, mais carente de Deus, e onde a Palavra de Deus é mais solidária e mais revolucionária. Na realidade dos pobres e na opção por eles, a Bíblia deixa de ser o discurso de um Deus universal a um homem universal, para ser a palavra do Pai de Jesus aos que seguem o Filho. Dela, interessa aquela parte que aqui e agora é mais útil para a libertação concreta a que Deus mesmo nos chama e impele. Amanhã, usar-se-á uma outra parte da revelação e, se preciso for, corrigir-se-á os efeitos de um uso impróprio que dela se possa estar fazendo hoje. Com isto se recupera a liberdade da própria Palavra de Deus para que ela nos possa dizer, em cada situação, o que nela é criativamente libertador. Dos pobres, com os pobres e para os pobres; não há aqui exclusivismo, mas o mais puro universalismo<sup>16</sup>. Tanto pelo fato histórico e demográfico de que os pobres são a maioria oprimida da universalidade do povo de Deus, como, sobretudo, porque eles sabem, pela experiência constante da dor e pelo gozo fugaz de momentos de ressurreição, qual é a ótica da melhor interpretação daquela Palavra que quer a vida de todos. Eles conhecem, melhor do que os não-pobres, o caminho que da cruz leva à ressurreição, à salvação e à libertação de todos.

## 2. A REVELAÇÃO NA REALIDADE

Além de poder ser reconhecido mediante o método tripartite do ver-julgar-agir, o que equivale à mediação da análise social, da aplicação bíblica e da ação pastoral, o círculo hermenêutico pode ser reconhecido pela sua característica principal que é a integração que nele vai acontecendo entre revelação e libertação, em uma dialética que conclui sempre pela acolhida da revelação de Deus dentro e durante o processo da libertação do homem. Deus se revela como Deus e é acolhido como tal no ato mesmo de guiar a evolução histórica da libertação dos povos. Assim, se anteriormente foi visto como a libertação do homem se torne caminho e condição para a acolhida do Deus da revelação, agora ver-se-á como esta revelação se faz presente no empenho da teologia e da pastoral da Igreja da América Latina pela libertação.

---

<sup>16</sup> Cf. F. TABORDA, *Cristianismo e ideologia*, São Paulo 1984, 120-124; R. MUÑOZ, *op. cit.*, 139-144; G. GUTIÉRREZ, "Por el camino de la pobreza", em *Páginas* 58 (1983) separata.

---

Quando acentua a libertação que Deus promove na América Latina, a teologia faz a passagem de um concepção da revelação como palavras e fatos (Dei Verbum 2), como história acontecida e acontecendo, que se reflete na e marca a história de nossos dias. Responde, com isso, às perguntas surgidas na luta pela libertação: se muitos, em nome de Deus, perseguem e reprimem, torturam e matam, e se muitos, pela causa de Deus, denunciam o pecado do mundo e, por isso, são perseguidos e mortos... de qual Deus se trata? Se ambos se baseiam numa particular leitura da Bíblia, qual dos dois grupos tem razão? Qual é a verdadeira imagem de Deus apresentada a nós nas Escrituras: um Deus da resignação ou um Deus da libertação? um Deus insensível aos gritos dos inocentes ou um Deus solidário com eles? Qual é, portanto, a revelação divina que se faz presente na caminhada de libertação da teologia e da pastoral da América Latina? A resposta a esta pergunta sobre a revelação de Deus é que nos vai permitir tratar, com mais afinco e fecundidade, do Deus da revelação da TdL. O estudo da revelação que é captada na libertação se faz na abrangência de três momentos, entre si conexos, que, ao apresentar a característica principal do círculo libertador, justamente a revelação na libertação, são apreendidos como critérios de reconhecibilidade externa da teologia libertadora da revelação. Estes três momentos, que são também critérios para se reconhecer, na teologia da revelação subjacente à teologia latino-americana, a recepção, em chave libertadora, da teologia conciliar, são percebidos na sensibilidade do sentido comum dos fiéis (Lumen Gentium 12) — como leitura da Bíblia no contexto da vida do povo; na consciência da pertença a uma Igreja que é sacramento de salvação (Dei Verbum 5; 21) — como leitura do Evangelho na práxis da libertação; e na práxis do serviço eclesial (Dei Verbum 23-24) — como teologia da libertação feita com e a partir de Jesus. A compreensão libertadora da revelação promovida nesses três momentos vai esclarecer melhor a discutida relação entre fé e ideologias.

#### a. A Palavra de Deus na vida do povo

Os livros da Bíblia foram escritos no meio da história e da vida, no jogo dos conflitos e soluções e das indecisões e opções do povo israelita e dos primeiros cristãos. Assim, na linguagem humana, a Palavra de Deus estabeleceu sua morada. A Bíblia narra a história da Palavra que se faz história e que, em Jesus Cristo, se faz homem<sup>17</sup>. Por isso, não há

---

<sup>17</sup> Cf. C. MESTERS, *Palavra de Deus na história dos homens*, 2 vol., Petrópolis, I. <sup>5</sup>1973, II. <sup>2</sup>1971; G. GUTIÉRREZ, *A força histórica dos pobres*, São Paulo 1981, 15ss.

---

outro meio de chegar-se ao Deus revelado senão “no contexto da vida” dos homens (Puebla 1001). Com isso, todo o texto passa a ser lido no seu contexto sócio-político-religioso. Esse contexto, identificado com um pré-texto, que é o texto não escrito, mas vivido, do povo bíblico, provoca, por sua vez, um pretexto: compreender e transformar a realidade atual da vida, que se assemelha pela situação de opressão e pela busca de Deus na solidariedade com os irmãos, à realidade dos tempos bíblicos. Somente a partir dessa correlação, é que foi possível, aliás, à TdL ter realizado o seu melhor protesto: a iconoclastia de todas as concepções falsas de Deus, como mais adiante se verá. Assim, nesse encontro vivificador entre o povo latino-americano e o povo bíblico, os pobres de nosso continente se deparam com Deus da Bíblia e começa a refazer a sua teologia, caracterizada como teologia narrativa das maravilhas que Deus faz na história deles. Não uma teologia recebida passivamente, mas oferecida com coragem e, muitas vezes, com sofrimento. Na verdade, continuam sua teologia antiga, desconhecida pela teologia oficial, repelida pelo poder político, sincretizada nos valores étnicos do índio, do branco e do negro, fragmentada em costumes, ritos, orações, provérbios, teologia oprimida que carrega em vasos de barro o germe da libertação. Foi um passo evangélico e inteligente o da TdL ter-se aproximado desta teologia do povo, para acompanhá-lo na reconstrução de sua memória histórica, “memória do pobre (que) é sempre subversiva para a ordem que o explora e marginaliza”<sup>18</sup>.

Como consequência dessa aproximação, a TdL teve que deslocar a admiração como lugar primeiro do conhecimento em favor da primazia da dor. Não é o cosmos, a beleza do universo, o primeiro lugar para aceder a Deus, mas o caos, a cruz, a história da dor e do sofrimento dos pobres. Nela, continua a história da paixão de Deus. Marcados pela dor, os momentos culminantes da revelação, como o clamor do povo no Egito, o cantar em terra estranha na Babilônia, as angústias vocacionais e o martírio dos profetas, a desfiguração do Servo de Javé, a paixão e morte de Jesus na Cruz, a missão atribulada dos apóstolos... voltam a se fazer presentes na dor do povo pobre. A teologia bíblica do povo não exalta tanto os momentos belos da revelação, que geralmente são compartilhados por todos, embora o sejam só na medida em que haja solidariedade com os que carregam nas costas os momentos de dor que dinamizam e garantem os momentos de ressurreição<sup>19</sup>.

---

<sup>18</sup> Ib. 133.

<sup>19</sup> Cf. J. SOBRINO, *op. cit.*, 37s; F. TABORDA, *op. cit.*, 44ss.

---

Enfim, uma teologia libertadora da revelação que aborda as fontes da fé a partir dos pobres é a que melhor poderá “ajudar a fé do povo a se exprimir com clareza e a se traduzir na vida” (Libertatis Conscientia 98). É a que reforça, nas ambigüidades das idéias do tempo atual, a capacidade de discernimento, pela graça do Espírito Santo, presente no sentido dos fiéis. A teologia libertadora da revelação descobre que “no conjunto dos veículos da revelação divina que existem dentro da Igreja, o ‘sensus fidelium’ é porta-voz legítimo da vontade de Deus e ocupa o seu lugar ao lado da Bíblia, da Tradição e do Magistério...” e que a própria revelação divina manda escutar a voz do povo, para que possamos chegar a descobrir o que Deus nos tem a dizer”<sup>20</sup>.

#### b. O caráter revolucionário da revelação

Se é verdade que a história da revelação de Deus, estritamente falando, terminou com a pregação e os escritos dos apóstolos, que foram as testemunhas oculares da Palavra que se fez carne, não é menos verdade que no corpo da Escritura, formada no decorrer de um longo período hoje muito distante de nós, Deus quis falar a toda a humanidade, também a nós. Querer chegar-se a Deus é, portanto, exigir que se traga para o presente a experiência e a sabedoria dos crentes que, na graça do Espírito, perceberam que estavam vivendo tempos culminantes da presença e da ação de Deus na história. Essa é a tarefa da Igreja, depositária da revelação: anunciar que Deus continua atuando, por palavras e fatos, com toda a sua força de criação transformadora que chama do nada à existência, da morte à vida. A Palavra de Deus não pode ser apresentada ao povo como explicadora da realidade. Ela deve ser também acionada, como transformada da situação de injustiças. Nessa ótica, a TdL interpreta a Palavra de Deus com os pobres, a partir do seu mundo, da experiência humana e crente. Sua leitura é, por isso, cristológica, crente, histórica e militante. Torna-se, assim, uma teologia política que busca no Evangelho a força para sua atuação na sociedade.

Colocando-se no meio dos pobres, a TdL descobre que Deus governa a história (Puebla 276-278), orientando-a para o estabelecimento da justiça e do direito. Evidenciando o fato bíblico de que na relação com o pobre, levada à expressão máxima da gratuidade em Jesus Cristo, se concretiza a relação com Deus (Pr 17,5; Am 4,1-3; Jr 7,1-7; Mt 25,46), a reflexão teológica entrelaça duas dimensões permanentes da fé: a contemplação e a história, a mística e a política. Possibilita, assim, no compromisso com o pobre e pela sua libertação, a acolhida da revelação

---

<sup>20</sup>

C. MESTERS, *Por trás das palavras*, Petrópolis 4 1980, 22.

---

continuada e atualizada do Deus da história. Como os israelitas que, durante toda a sua história, estavam conscientes de que a aliança não era um fato do passado, ou como os primeiros cristãos que sentiam a presença do Cristo ressuscitado mesmo após sua ascensão, também os latino-americanos são impelidos pela pastoral e pela TdL a trazer sempre à memória e à prática a ação libertadora de Deus e o martírio dos companheiros de luta e de fé. Por isso, a teologia não questiona inicialmente a fé dos antepassados, mas a fé na sua manifestação atual. A fé atual só pode ser resposta a uma manifestação de Deus que seja atual, ainda que baseada no substrato histórico da revelação definitiva. A teologia deve, então, determinar o núcleo fundamental de uma e outra, isto é, da atual manifestação de Deus e da atual fé nele; um núcleo a ser reconhecido justamente no amor escandaloso e parcial de Deus pelos pobres e, correlativamente, na correspondência a esse Deus pela prática da justiça do Reino. Por isso, a teologia não parte do Evangelho em si, mas do compromisso pela libertação evangélica. Descobre assim o caráter revolucionário da revelação, porque, não partindo aereamente dos dados da revelação (como o fizeram os fariseus que, por isso, não reconheceram a revelação na história deles), mas dos dados da realidade, se depara no compromisso com a libertação, com o autor mesmo da revelação que já se encontra engajado simultaneamente como autor da libertação. Isto porque a ação libertadora é o primeiro ato da revelação de Deus. Deus se revela criador, libertando a criação do nada; revela-se redentor, ao libertar o homem da morte que leva ao nada; revela-se santificador, libertando a história do pecado que leva à morte. Deus se revelará como Deus ao libertar o homem para o diálogo consigo. É, portanto, a partir da ação libertadora do próprio Deus, co-participada pelos cristãos militantes e, mais concretamente, pelos pobres que se conscientizam em torno a uma revolução das estruturas que os oprimem, que a TdL olha para os dados da revelação, para o Evangelho, já em vias de praticidade, atualizando deste modo a Palavra de Deus seja como proposta seja como resposta ao anseio de libertação do povo e descobrindo e enfatizando nela o que é germe de revolução, o que é força dinamizadora na luta pela transformação do mundo.

Imergir na luta pela consciência social e pela libertação é entrar em cheio no âmago dos problemas do homem latino-americano, lá onde os pobres clamam o seu abandono. É dar de cheio com a Palavra revelada, com o Deus da revelação que continua a interpelar-nos no rosto dos pobres (Puebla 31-39), como o Pai que sempre vem ao encontro dos filhos e faz de sua Igreja um sinal de salvação e libertação no meio do mundo (Dei Verbum 5; 21; Puebla 226-231). Quando a TdL aborda a Palavra de Deus com os pobres, nada mais faz do que salientar o caráter

---

revolucionário da revelação, descoberto e experimentado pelos cristãos que, engajados na vida da Igreja e imersos no mundo do sócio-econômico-político-cultural, lutam pela edificação de uma nova sociedade. Assim, ela indica à Igreja o melhor modo de viver e anunciar, como germe e como instrumento, o advento do Reino de Deus.

### c. A teologia da libertação feita por Jesus

Não há para o cristão outro meio de chegar-se ao sentido e ao conteúdo do dado revelado e, mesmo do dado real, senão o próprio Jesus, em sua pessoa e ação. A TdL, de acordo com os ensinamentos conciliares, segue a Jesus Cristo no seu modo de aproximar-se da revelação, enquanto faz dela sua alma e ao mesmo tempo seu ponto de apoio (Dei Verbum 23-24). G. Gutiérrez, reforçando que é no próprio Jesus Cristo que se realiza a nova aliança, que nele Deus se declarou Pai de todos e nele todos se descobrem irmãos, apresentando-o como o "princípio de interpretação da Escritura", e acrescenta: "Em Jesus Cristo, encontramos Deus, na palavra humana lemos a Palavra de Deus, nos acontecimentos históricos reconhecemos o cumprimento da promessa". Com isso, revela o círculo hermenêutico fundamental da TdL: "do homem a Deus e de Deus ao homem, da história à fé e da fé à história, do amor fraternal ao amor do Pai e do amor do Pai ao amor dos irmãos, da justiça humana à santidade divina e da santidade divina à justiça humana, do pobre a Deus e de Deus ao pobre"<sup>21</sup>. Nesse sentido, a TdL faz teologia a partir de Jesus. Mas, assumindo sua causa, com suas consequências e, muitas vezes, o mesmo destino martirial. Teologizando em favor dos pobres, a TdL coloca-se a si mesma na esteira da teologia jesuânica da revelação.

Teologizar como Jesus é partir do dado gratuito da revelação, considerando-o na ótica da história do próprio Jesus. Assim, o caráter libertador de sua missão deve remeter ao problema epistemológico do significado libertador do conhecimento teológico, questionando-o nos interesses que o movem. Do mesmo modo, a dialética entre o "já e ainda não" do Reino anunciado por ele deve remeter ao problema epistemológico da relação entre teoria e práxis. E, ainda, a dialética entre a cruz e a ressurreição deve remeter ao problema da ruptura epistemológica dentro do próprio conhecimento teológico, chamado a passar da analogia à dialética, da consideração sobre a morte de Deus à constatação e reversão do quadro da morte do oprimido. Nessa passa-

---

<sup>21</sup> G. GUTIÉRREZ, *op. cit.*, 28s.

gem, o conhecimento teológico deve afrontar a sua aporia fundamental, que é o pecado e seu poder, a negação de Deus e do homem e, portanto, da própria teologia. E isso deve ser feito a partir da força da fé em Cristo que, embora não seja uma ideologia totalizante... é uma fonte de ideologias funcionais, que desfazem a aporia do pecado, fazendo urgir a caridade de Cristo<sup>22</sup>.

O significado libertador que tal ruptura do conhecimento teológico produz ganha sua máxima expressão na teologia mesma de Jesus, o único que foi capaz, por uma práxis de amor pelos pobres e pecadores, de tirar o pecado do mundo (Jo 1,29; Hb 9,28). Na atenção que se presta não só à diferença de conteúdo, mas sobretudo de método, entre a exegese de Jesus e a dos fariseus, se pode concluir pela primazia da práxis com sua opção política, sobre o próprio trabalho teológico<sup>23</sup>. Os fariseus têm preocupações teológicas. Querem julgar o contexto histórico que se lhes apresenta, isto é, a pessoa e a obra de Jesus, a partir dos dados da revelação. Mas Jesus não se encaixa em suas categorias "teológicas". É algo novo que não consta na revelação. Tentam afrontar Jesus em situações e perguntas em que não pode fugir à revelação. Esperam, por exemplo, que a ocasião de sábado, em que Jesus cura o homem da mão seca (Mc 3,1s), permita à sua teologia, sem sair de seu campo de certezas, julgar teologicamente a Jesus. Mas, em vez da clássica pergunta formal da teologia: "pode-se fazer algo em dia de sábado?", Jesus aponta para um nível anterior a toda pergunta teológica, o nível do ético-político, e pergunta: "pode-se fazer o bem a quem precisa em dia de sábado?". Partindo do ético-político, Jesus introduz um caráter crítico-profético à teologia, radicalizando-a assim em seu sentido único e em sua dogmaticidade fundamental, isto é, no caráter sacramental de todo homem, criado à imagem e semelhança de Deus e chamado ao encontro definitivo com Deus no Reino da glória.

Teologizar como Jesus é, enfim, estar com ele na realidade das coisas. "Seu estar na realidade das coisas, diz J. Sobrino, foi um ser fiel às próprias exigências éticas dessa realidade, que o levou à ativa defesa dos pobres e à denúncia e desmascaramento dos poderosos;... foi uma prática de pregação, curas, exorcismos, etc., tendentes objetivamente à sua transformação; ... foi sofrer a realidade das coisas em sua própria

<sup>22</sup> Cf. J. SOBRINO, *op. cit.*, 42ss; L. BOFF, "Salvação em Jesus Cristo e processo de libertação" em *Concilium* 96 (1974) 753-764; H. ASSMANN, "Conciencia cristiana y situaciones extremas en el cambio social", em INSTITUTO FE Y SECULARIDAD, *Fe cristiana y cambio social en América Latina*, Salamanca 1973, 171-202.

<sup>23</sup> Cf. J. L. SEGUNDO, *op. cit.*, 86-90.

---

perseguição e morte; ... (foi) gozar a realidade das coisas quando o Reino se aproximava e era conhecido pelos pequenos"<sup>24</sup>. Foi a partir desse estar situado, foi por necessidade, que Jesus teologizou, que conheceu e anunciou a Deus como realidade e sentido últimos. Situada na realidade dos pobres, fazendo teologia como Jesus, a TdL segue o ensinamento conciliar enquanto faz da Escritura não só a alma de sua preocupação intelectual, mas também a fonte de sua práxis de libertação (Dei Verbum 23-24).

#### d. O binômio fé-ideologias

Uma teologia da revelação elaborada e enfocada na ótica da libertação dos oprimidos pode servir como ponto de partida para o esclarecimento da discutida relação entre fé e ideologias. Isso porque ela permite descobrir que no fundo do acontecimento da revelação permeia um princípio pedagógico pelo qual Deus vai se revelando de acordo com as perguntas que os homens se fazem e lhe fazem em tal ou qual situação. Como, então, salvar a revelação do jogo das ideologias numa circulação hermenêutica em que, metodologicamente, se dá primazia à realidade? A resposta se encontra na própria teologia de Jesus, que é também a teologia de todo o Novo Testamento, o qual reflete sempre em continuidade com a concepção que no Antigo Testamento se fazia de Deus. Assim, a preferência metodológica da TdL pela realidade, no respeito à primazia lógica e gratuita do dado da revelação, fica explicada na teologia mesma de Jesus, que se interessa, primeiramente, como acima se viu, pela situação de dor e pecado, doença e miséria, do seu povo.

Por isso, esquecer a realidade de injustiça e a exigência de se comprometer com uma práxis de libertação, e querer partir diretamente da revelação, é uma pretensão descabida de quem quer partir imediatamente do revelador, ou no exemplo dado por J. L. Segundo, do educador, cujo pensamento não poderá ser captado em sua totalidade unicamente no confronto com o jovem seu discípulo<sup>25</sup>. A teologia não pode esquecer que o revelador-educador permanece sempre mistério. Todavia, não pode nem mesmo esquecer que a aproximação a ele se dá somente no conhecimento das expressões do "educando" (Israel e a Igreja primitiva). Assim, aquele que na ordem dos fatos é o ponto de partida da revelação, na ordem da interpretação é o ponto de chegada, que só

---

<sup>24</sup> J, SOBRINO, *Jesús en América latina*, Santander 1982, 109; ID., *Liberación con espíritu*, Santander 1985, 26ss.

<sup>25</sup> Cf. J. L. SEGUNDO, *op. cit.*, 125ss.

---

poderá ser conhecido na visão da glória. Enquanto vivemos na terra, o ponto de partida para a interpretação da revelação é o seu destinatário, situado em tal ou qual realidade. O ponto de partida da teologia não pode ser nem a origem nem o final da história (o Deus criador e o Deus tudo em todos), mas o meio da história, o homem e seus questionamentos.

Surge aqui a pergunta: o que é, então, na Escritura, núcleo da verdadeira imagem de Deus que reclama a nossa fé e o que é referência histórica e situacional do povo? Com base no sentido de continuidade da revelação do Novo e do Antigo Testamento, nos quais se dá uma sucessão de ideologias religiosas, compreensíveis somente a partir da situação com que cada uma delas se relaciona, a TdL encontra por trás dessa sucessão de ideologias a relação única entre Deus e os oprimidos. É esta, portanto, como o foi para Jesus, a chave interpretadora da revelação. O Deus que Jesus anunciou era o Deus que se havia revelado no clamor dos oprimidos do Antigo Testamento como o Deus que vinha para ouvir e libertar o seu povo. Isso dá à TdL a capacidade de perceber, por exemplo, que Jesus, ao dizer que devemos oferecer a outra face, estava preenchendo um vazio entre sua concepção de Deus e as necessidades de sua época e que, por isso, não corrige, ou, pelo menos, não anula, o Deuteronomio que, ao mandar exterminar os inimigos, também estava preenchendo, respectivamente, um outro vazio. Entre as exigências circunstanciais e históricas e a concepção de Deus que se recebe na fé, estão as ideologias, elemento humano, sistema de meios que não traduzem imediatamente, embora tragam, como vasos frágeis, a revelação de Deus. É essa percepção da sucessão das ideologias por trás do elemento fundante da revelação que vai provocar na TdL a exigência de uma crítica constante a todas as imagens de Deus.

### 3. A EXIGÊNCIA DE UMA ICONOCLASTIA

Seguindo os passos da teologia libertadora da revelação que serpenteia sob o inteiro arcabouço da TdL, como método que lhe garante ser efetivamente libertadora, chega-se ao encontro com seu conteúdo novo, aquilo que a timbra como teologia, como discurso sobre Deus, como reflexão em ótica libertadora sobre a revelação de Deus. Em que consiste, pois, a novidade desta teologia libertadora da revelação? Se até aqui ficou clara a afirmação de que a libertação é caminho para o encontro com Deus e, portanto, na TdL encontra-se um método novo para o conhecimento e a acolhida de Deus, é preciso agora deter-se, com mais vagar, naquilo em que consiste realmente esse encontro. Já presente no método, esse encontro vem agora refletido como o objeto sobre o

---

qual a TdL fundamenta sua razão de ser: o encontrô com Deus e sua revelação a partir do lugar onde se dá, histórica e geograficamente, a experiência do agir libertador de Deus. Como captar essa experiência?

Como conseqüência de uma abordagem livre e libertadora da revelação, na esteira de Jesus, essa experiência é realizada e o encontro com Deus é refletido, primeiramente de um modo negativo, como exigência de uma iconoclastia, como derrubada e purificação de todas as imagens de Deus, como vazio de todas as representações sobre o mistério. Esse é, aliás, o mais profundo protesto que faz a TdL, como efeito de uma hermenêutica que lê o texto bíblico no contexto sócio-político-religioso em que foi escrito, o qual é respeitado como pré-texto, como vida que precede a escrita, e que provoca o pretexto de ir às Escrituras na pré-compreensão e na pré-disposição de mudar a atual situação de opressão. A partir desse protesto, poder-se-à experimentar e refletir o encontro com Deus, de modo positivo, desde o lugar onde ele se deixa realmente encontrar: no pobre, que vem assim entendido como pré-texto, como lugar em que se escreve o novo texto (o espírito da letra) do diálogo revelador-libertador.

Sabendo-se participante e forjadora de um momento crucial da história, onde as imagens adquirem valor e força de persuasão, a TdL nega-se a continuar usando, sem mais, no seu discurso sobre o Deus da revelação, as mesmas idéias e representações que dele se fizeram no passado, em outros momentos igualmente críticos, e anuncia, conseqüentemente, a exigência de uma iconoclastia. Conhecendo os perigos da idolatria que corria o povo bíblico, cada vez que queria atar Deus às suas decisões humanas, perigos hoje evidenciados na morte dos pobres do continente, a TdL clama pela necessidade de derrubar todas as representações de Deus que não condizem com a imagem do Deus vivo e verdadeiro, que quer a vida para todos<sup>26</sup>.

Impostando sua reflexão sobre a experiência de Deus nos dias de hoje, L. Boff advoga inicialmente "a morte de nossas representações sobre Deus como via para a experiência originária de Deus"<sup>27</sup>. Aprofundando o trabalho destrutivo das posturas críticas da sociedade moderna, com seus discursos sobre a desmitologização, a secularização, a morte de Deus e a desideologização da religião, ele constata que hoje não é mais possível fazer uma experiência de Deus à base de representações e

---

<sup>26</sup> Sobre as falsas imagens de Deus na cultura ocidental, ver a obra coletiva de P. RICHARD et al., *A luta dos deuses*, São Paulo 1982; cf. também J. L. SE-GUNDO, *Nossa idéia de Deus*, São Paulo 1977; R. MUÑOZ, *op. cit.*, 27ss.

<sup>27</sup> L. BOFF, "Experimentar a Deus hoje", em A. BUZZI-L. BOFF (org.), *Experimentar Deus hoje*, Petrópolis 1974, 126-190 (aqui: 126).

---

doutrinas sobre Deus, se não houver antes um encontro com o mistério mesmo de Deus, que penetra e circunda nossa existência. Convidando a fugir da tentação de criar novas imagens de Deus, L. Boff vai ao fundo da questão, pondo as bases de um discurso sobre Deus em uma dimensão mais originária do que as imagens mesmas de Deus. Essa dimensão mais originária é o mistério. Permanecer nele é o lugar único de um acesso concreto a Deus. Negar o mistério, no qual se encontra a origem de toda libertação, é negar a vida do homem. Afirmá-lo é defender a vida do pobre.

A TdL, que faz com os pobres essa experiência do mistério de Deus, segue assim a linha bíblica, na qual a proibição das imagens, como ampliação do primeiro mandamento, acarreta profundas conseqüências práticas para a vida de cada homem e da comunidade. Deus como valor e como fim, não é um homem, o Estado, uma instituição, a natureza, o poder, a propriedade, o dinheiro, o prazer, ... coisas que, erigidas em absoluto, se convertem em ídolos que empobrecem, alienam e matam o homem. A própria imagem de Deus, porém, quando mesclada com estas coisas se transforma em ídolo que, em vez de libertação, amor e vida, traz aos homens a morte, justifica a opressão e mantém as divisões.

Situada entre os dois lados da moeda, detectados como radicalização da transcendência e da imanência de Deus, radicalização que impede a visão da face do Deus da revelação e que enfraquece o compromisso que se deveria desencadear a partir da contemplação do mistério, a TdL está atenta às imagens de Deus que passeiam tranqüilas pelos jardins da ortodoxia e que, justamente por aí se situarem, são tumores perigosos que destroem a sanidade do corpo eclesial. Escondidas sob a máscara da revelação, tais representações não só não revelam a Deus, mas bloqueiam-lhe a liberdade de se revelar ou não, e obstruem o diálogo revelador já iniciado por ele, desfigurando-lhe a imagem que de si quis manifestar. São imagens que criam bloqueios de tipo religioso que reduzem a prática da fé à prática idolátrica, na medida em que vinculam a fé à adoração de um falso deus e à prática de uma falsa libertação.

Assim as consagradas imagens de Cristo como reconciliador universal e como Senhor absoluto da história devem ser relativizadas diante do perigo que oferecem de se introjetar na consciência do cristão uma concepção a-histórica, de quem pretende possuir desde já o absoluto, com o dever conseqüente, mas falso, de relativizar sem mais, ou mesmo negar, o histórico onde este absoluto se manifesta. Também as imagens de Deus-Amor, Deus todo poderoso, Deus sempre pronto a atender as nossas súplicas, Deus futuro da história e até mesmo de Deus-Pai, devem ser purificadas de todo ranço de abstração a-prática e a-experiencial. O dinamismo libertador da teologia e da pastoral da América Latina faz

---

descobrir a história de Jesus não como concepção de verdades já elaboradas sobre Deus, mas como construção, na práxis da justiça e do amor aos pobres e pecadores, de verdades novas sobre Deus, mais adequadas à realidade em que estava situado. Jesus não falou, por exemplo, de Deus como Pai porque alguém lhe ensinara isto, mas porque nesta expressão ele encontrou o modo melhor para testemunhar o último e mais profundo sentido de sua experiência de amor pelos marginalizados da história. Anunciar a Deus como Pai implica hoje em fazer a mesma experiência de Jesus, sob pena de falsear e contradizer o próprio anúncio.

Mas, quais os critérios para uma atividade iconoclástica libertadora?

Hoje, na América Latina, após a relativização das imagens de Deus, volta-se a descobrir, reconstruir e representar novas concepções de Deus, nascidas sempre de um confronto da história de Jesus com a história daqueles que o seguem e morrem por ele. Surge daí um primeiro critério, que se poderia chamar de cristológico, de identificação da verdadeira imagem de Deus: "a forma mais cristã de procurar novos modos de pensar e de falar de Deus será corresponder ao que experimentam e dizem aqueles que hoje vivem e morrem amando como Jesus de Nazaré"<sup>28</sup>.

A partir da práxis de homens libertos e libertadores vai surgindo também um segundo critério, de marca antropológica, derivado da teologia paulina, e assim expresso por F. Hinkelammert: "a imagem de Deus que o homem pode ter, deriva da imagem do homem libertado... assim, o homem não tem outra fonte, que não a sua própria libertação para saber o que é o Deus verdadeiro e qual é a sua vontade. Deus é aquele que torna possível a libertação e o Deus verdadeiro corresponde à imagem da libertação do homem"<sup>29</sup>.

Na experiência religiosa acontecida no meio das lutas, surge o terceiro critério, de marca místico-espiritual. Na realidade sofrida da luta, dão-se transparências, transbordamentos e densidades da presença de Deus, momentos fugazes ou duradouros, em que a plenitude é experimentada como possibilidade e probabilidade no e do presente inacabado. Nesse "desdobramento de plenitude"<sup>30</sup>, encontra-se o lugar onde o vazio das imagens de Deus é plenitude, em esperança, da fé e do amor cristãos. Viver esse vazio, nesse parêntesis entre tudo e nada, entre o já e

---

<sup>28</sup> J. CASAÑAS, "A tarefa de fazer com que Deus seja", em P. RICHARD et al., *op. cit.*, 169.

<sup>29</sup> F. HINKELAMMERT, *As armas ideológicas da morte*, São Paulo 1983, 295.

<sup>30</sup> Cf. J. CASAÑAS, *loc. cit.*, 192.

o ainda não do Reino, é experimentar a Deus como dinamismo, evento, oblação, tarefa, comunhão. Nesse vazio-plenitude Deus é encontrado como força que impulsiona para frente a história da fé e que impede fazer dele mesmo um ídolo que seja a forma alienada da experiência que o homem tem de si mesmo.

Esse vazio-plenitude de imagens de Deus acontece concretamente na cruz de Jesus e no rosto dos crucificados da história. É o critério estauroológico, que permite ver a Deus lá onde não aparece nem a perfeição, nem a beleza, nem o poder divinos. Ali, sua imagem é disforme e impotente. É acessível ao olhar e ao amor de todos. Mas não manipulável, uma vez que a cruz é já a desmanipulação dos poderes religioso e político que levaram Jesus à morte e que matam os homens de hoje.

Mas o problema fundamental não está tanto nas imagens que se fazem de Deus, quanto nas condutas que se referem a ele<sup>31</sup>. As atitudes são o objeto que espelham as imagens. Num mundo onde a linguagem da palavra e até mesmo das imagens se torna cada vez mais ruidosa e, por isso, ineficaz, é útil fazer-se um virada para o que sempre se esconde por trás das palavras e imagens. São os comportamentos, as atitudes, que contam. Este critério ético-político permite descobrir que é na nova conduta da práxis de libertação que se encontra a transparência do Deus vivo e verdadeiro, do Deus que "é" enquanto "reina". Um Deus que ama, liberta e opta pelos pobres e neles se esconde é um Deus capaz de transformar o negativo e de extrair das malhas da injustiça o mundo de Deus na terra dos homens.

#### 4. CONCLUSÕES E PERSPECTIVAS

— A libertação do homem e sobretudo do pobre é a outra face da revelação de Deus. Ao Deus que se revela como Deus corresponde o homem que se liberta como homem e, portanto, capaz de dialogar com Deus. Não se pode falar da revelação de Deus sem relacioná-la com a libertação do oprimido, e vice-versa.

— A libertação que a teologia latino-americana reflete é a historização do Reino de Deus que se atualiza e se situa no aqui e agora; revelando o Reino de Deus, o que Deus faz, a libertação expressa também o que Deus é: comunhão do Pai, do Filho e do Espírito Santo, comunidade de pessoas livres e libertadoras.

— A TdL não parte do centro de discurso teológico, o tratado de Deus, mas parte da periferia da teologia, o tratado do homem e seu

---

<sup>31</sup> Cf. J. I. GONZÁLEZ FAUS-J. VIVES, *Creer solo se puede en Dios. En Dios sólo se puede creer*, Santander 1985.

---

empenho moral de praticar o Reino de Deus; ali, ela encontra a Deus atuando na história; dali, ela parte para o conhecimento do seu mistério.

— Mas, não seria chegado o momento de se falar mais explicitamente sobre Deus, sobre a face que se conhece de Deus a partir de sua e nossa opção pelos pobres? As contribuições de L. Boff, sobre a Trindade, e de R. Muñoz, sobre o Deus dos cristãos, deram o primeiro passo.

— Posta numa contextualização dialética entre religião e revelação, a TdL salienta mais a necessidade de afirmar a Deus em sua imanência histórica, caracterizando assim a fé como exigência de justiça e abrindo a religião para o seu horizonte ético-crítico-profético, preferindo falar de Deus mais por aquilo que ele faz do que por aquilo que ele é (mas, ultimamente, também se reflete, sobretudo na espiritualidade, sobre a experiência místico-sacramental da libertação).

— A acentuação do caráter conflitivo da opção ética pelos pobres se dá porque, para a TdL e o episcopado do continente, a teofania se apresenta não tanto como algo já dado e experimentado, mas sim como diafania, como algo a buscar, de dentro para fora e a partir das coisas e acontecimentos da história, onde o próprio Deus fez sua morada.

— Aí onde Deus menos parece estar, no cativeiro e na opressão, sob o poder do pecado, na consciência histórica da libertação, na cruz dos oprimidos, no reverso da história, aí se descobre sua presença ativa, guiando a passagem da morte à vida, da cruz à ressurreição, da desigualdade à fraternidade. Aí é que se dá a síntese entre imanência e transcendência de Deus, que agora aparece como transparência, como desdobramento da plenitude histórica. Nem panteísmo, nem teísmo, mas panenteísmo: Deus tudo em todos. O Deus escondido na história se revela na história e se revela como mistério fundante da libertação.

— A TdL corre o risco de diminuir a riqueza do seu discurso libertador sobre Deus, se continuar acentuando o polo da justiça e deixando em sombra que Deus é também santidade. O empenho pela justiça não pode esquecer o anúncio do que está por trás, como origem e força dinamizadora, desse empenho: Deus mesmo. Mas o discurso sobre Deus não pode parecer um retrocesso na caminhada das lutas de libertação; ao contrário, é preciso explicitar que é ele mesmo quem dá aos pobres a capacidade para a luta.

— É preciso valorizar a experiência que os pobres fazem de Deus como Deus da vida. Contra o secularismo e o ateísmo que negam a Deus contra a injustiça e a idolatria que negam e matam o homem, a vida de Deus aparece como “plus” ansiado pelo homem, não para “depois” (acréscimo, complementação, recompensa), mas “desde já” (densidade, profundidade, criação).

---

— Sem perder o timbre político e pastoral conquistado nos últimos anos, é preciso falar de Deus em termos mais teo-lógicos, que explicitem e sistematizem a razão de ser e a força criadora da contribuição que os cristãos têm a dar à sociedade: Deus mesmo. Sob duas condições: falar de Deus como serviço ao pobre; calar no fim e não no começo.

— A aproximação entre Deus e os pobres possibilita falar do próprio Deus como um Deus pobre que como Pai abandona o domínio autoritário sobre a criação e o homem, como Filho não se apega ao poder de sua natureza divina, como Espírito Santo age na história respeitando a liberdade e a responsabilidade do homem. Optar pelos pobres é optar por Deus pobre que liberta o homem e o mundo a partir de seu fazer-se pobre e optar pelos pobres. Fazendo-se pobre até o limite máximo de se ver rejeitado pelos homens, Deus é solidário com os que hoje continuam a sofrer a mesma rejeição.

— No centro da mensagem de Jesus estava o Reino de Deus, que não se desligava nunca do anúncio, em forma de experiência pessoal e de revelação aos íntimos e pequenos, do Deus do Reino. Pôr em sombra o anúncio do Deus do Reino é trair o próprio Reino e os pobres, enquanto se corre o risco de tirar do Reino o fundamento e dos pobres o Outro que os ama.

— Uma pneumatologia libertadora é a que anuncia a libertação da liberdade humana para a práxis da justiça e que presencializa a força reconciliadora do Espírito Santo no meio dos conflitos que envolvem as relações eclesiais e sociais.

---

Vítor Galdino Feller é doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma). Professor de Teologia Sistemática no Instituto Teológico do Estado de Santa Catarina (ITESC, Florianópolis, SC). Sua tese doutoral se encontra no prelo: *O Deus da Revelação*: a dialética entre revelação e libertação na teologia latino-americana, da "Evangelii Nuntiandi" à "Libertatis Conscientia". São Paulo: Ed. Loyola 1988 (Coleção "Fé e realidade").

Endereço: ITESC — Caixa postal 5041 — 88041 Florianópolis — SC